

# COMMERCIO DO MINHO

3.º ANNO 1875

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 432

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

**PUBLICA-SE**  
AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇOS: Braga, anno 1\$600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2\$400 rs e sendo duas 4\$000 rs.—Semestre 1\$250 rs.—Brazil, anno 4\$400 rs.—Semestre 2\$300 rs. moeda forte, ou 10\$000 reis e 5\$500 reis moeda fraca.—Annuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

**BRAGA — TERÇA-FEIRA 14 DE DEZEMBRO**

**Ainda os «Lazaristas».**

III

VIRTUS!

[Continuação]

O paganismo não moralisa, por consequencia. Serão melhores as outras religiões antigas?

Solon mandava matar os indifferentes em questões politicas.

Decretava o suicidio.

As leis primitivas de Roma condemnavam á morte o lavrador que comesse carne.

As leis de Minos e Lycurgo declaravam infames os que não tivessem amigos, e mandavam coroar de flores e ramos a mulher adultera!

Já o snr. Fonseca viu maior collecção de loucuras? E, contudo, os homens que estabeleceram essas leis foram admirados pelos antigos, e são-n'o ainda hoje pelos modernos como profundos pensadores.

Ouçã mais:

Zoroastro disse que a obra de maior valor que um homem pôde fazer é lavar bem o corpo.

As leis egypcias mandavam que cada um seguisse a profissão de seu pae.

As de Minos prohibiam aos mancebos que analisassem as leis.

Ahi tem o snr. Fonseca a obra do homem. Quer agora ver a obra de Deus?

Veio Jesus Christo e disse:—Amae-vos uns aos outros.—Toda a moral n'uma só lei! Toda a virtude em duas palavras!

Empraso solemnemente o snr. Fonseca e todos os sublimes pensadores dos tres pontinhos a descobrir uma unica virtude que esteja fóra d'essa lei, um unico vicio que ella não condemne rigorosamente.

Faça essa preciosa descoberta, snr. Fonseca, prove-nos que Jesus, o utopista, errou. Apresente-nos outra lei melhor que a d'Elle. Confunda-nos com argumentos e provas, porque nós, os catholicos, pres-

mos, sobretudo, a verdade e procuramol-a de boa fé, creia-o.

Torna-se mesmo necessario, para honra da seita impia, que os snrs. reünam as suas leis n'um código unico. Digo-lh'o no seu proprio interesse. Assim separados como estão, em permanente desacordo entre si, como poderão conseguir completa victoria? Que ideia farão as gerações futuras de homens que apregoam aos quatro ventos o seu vastissimo e variado saber, e que, combatendo uma doutrina não propõem outra que a substitua?

Mãos á obra, snrs. filosofos! A doutrina christã é uma coisa que deve terminar. Pois venha outra doutrina que nós, se a acharmos boa, iremos missionar-a por esse mundo, e, creia o snr. Fonseca, a dedicacão pela verdade do nosso lado é tal, que um catholico está sempre prompto a derramar por ella o proprio sangue.

A nossa cooperacão não é, pois, para desprezar. Bem sabe, snr. Fonseca, que os irmãos dos tres pontinhos, são optimos escrevinhadores, muito bons para estarem no seu gabinete, rodeados de todas as commodidades a calumniarem as pessoas e as coisas, mas para missionarios... são muito mais dedicados os catholicos, não é verdade?

Ora, enquanto não apparece a nova lei, permitta-me o snr. Fonseca que tire as seguintes conclusões do que até aqui tenho escripto:

1.ª E' necessaria uma religião, porque é necessaria a virtude.

2.ª Logo, a melhor religião será a que ensinar todas as virtudes.

3.ª As religiões antigas continham muitos erros.

4.ª Não ha virtude fóra da doutrina christã, nem n'ella se coateem erros.

5.ª Logo, a religião christã é a melhor, a verdadeira, a unica digna de Deus, a unica que pôde encaminhar o homem para a felicidade possivel, no mundo.

E. F.

(Continua)

**União do clero.**

IV

E' ainda um dever de caridade a união do clero.

Não ha sociedade possivel sem um ponto de contacto que una seus membros entre si.

E esta união apenas será bem firme, quando um principio qualquer concorra a sustental-a.

Na Egreja Catholica o ponto de contacto é a fé, e o principio que a alimenta é a caridade.

Era auxiliando-se mutuamente com uma affeição caridosa, que os primeiros christãos se conservavam unidos no mesmo espirito de verdade.

E é ainda pela caridade que esta união tem subsistido atravez as vicissitudes dos tempos e as alternativas da sociedade.

A caridade, como lei universal, é o esteio mais seguro de unidade, e como tal, a primeira condição d'existencia para a Egreja.

Jesus não cessava de recommendal-a aos Apostolos. E S. João com tanta instancia a inculcava aos seus discipulos, que pôde dizer-se, morreu com esta doce palavra nos labios.

O amor gera a união, como a caridade fortalece o amor.

São estes os verdadeiros laços da paz em que S. Paulo queria se firmasse toda a unidade d'espirito.

Mas se pela caridade são os fieis chamados a aproximarem-se mutuamente, até formarem um só corpo, perguntamos; não obrigam mais particularmente esta lei áquelles, que, por serem o sal da terra e a luz do mundo, devem mostrar-se como o exemplo vivo de todas as virtudes evangelicas?

A desunião do clero suppõe sempre a falta de caridade entre os seus membros.

Não cumpre com o preceito evangelico o sacerdote que vive para os seus companheiros do sacrificio, como se elles não foram.

Falta a um dos primeiros deveres do Christianismo o padre que, separando-se

d e seus irmãos, os abandona ás perseguições dos que os odeiam.

E comtudo é de sobre o altar que a caridade deve irradiar-se para a sociedade.

E' d'alli que ha-de sair o fogo para acalentar nos corações os nobres sentimentos do amor do proximo.

Mas como pôde ser entre os fieis um incentryo á caridade o padre que se mantém n'uma feia indifferença para com aquelles que revestidos do mesmo caracter e dignidade, que elle, devem ser os primeiros na sua intimidade?

O ecclesiastico n'este caso, exhorta-se a si proprio. E perdendo todo o ascendente que é chamado a exercer sobre os povos, de luz que allumia, torna-se em fogo fatuo que illude.

A caridade é benigna, humilde e obediente.

Não pleitea competencias, nem regateia merecimentos.

Indulgente para com todos, só é humilde para o que a exerce.

Não é invejosa, mas antes se alegra com as venturas dos outros.

Não é insolente, nem altiva, mas pelo contrario vive da obediencia a quem é devida.

Não se enfastia com os soffrimentos alheios, mas promptifica-se a chorar com a desgraça, quando não consegue dulcificar-lhe os espinhos.

Eis o que faz a caridade.

Destroe todos os attritos que podem oppor-se a uma unidade perfeita; e chegando todos os corações, as vontades todas n'um só ponto de contacto — o amor de Deus — a todos prescreve a união, como unica barreira inexpugnavel contra tudo quanto tente oppor-se-lhe.

E' pela caridade que principalmente se fortalecem os vinculos do amor entre os filhos do Catholicismo.

E é pela caridade tambem que mais devem estreitar-se os laços da união entre o clero.

Foi de certo para evitar a dissolução, que sem a caridade, sobreviria á sua Egreja, que Jesus Christo, instou com os seus discipulos e na pessoa d'elles com todos os que lhes succedessem no ministerio sacerdotal, mandando-lhes, que se amassem

## FOLHETIM

### A CRUZ DO ERMO. (\*)

Eil-a! hasteada impavida sobre o alcantil perenne, onde murmura a espaços a branda viração.

Eil-a! que outr'ora ao Gólgotha, contra o reinado infrene do vicio, abriado os braços quebrára a escravidão.

Eil-a! potente lábaro, que o tempo embalde açoita, a coja sombra dorme o anjo bom da paz.

Eil-a! que á treva lugubre, que todo um mundo ennoita, rasgando o véo enorme o dia e luz nos traz.

Eil a! atalaia mystica velando d'entre o ulmeiro o mudo cinerario, onde vasqueja a luz.

—Livro sagrado, inclito aberto ao mundo inteiro, escripto no Calvario c'o sangue de Jesus.

Salvé! do doce cantico da natureza, ao fundo da rapida ladeira perder-se os eccos vão: Salvé! augusto symbolo da redempção do mundo, —perenne mensageira da paz, da salvacão.

Fugindo ao rudo estrepito da multidão fremente, que do viver ensombra a providente luz; quanta sentidas lagrimas não tem chorado o crente á tua grave sombra, ó solitaria cruz?!

A impulso da innocencia, o bom do pegureiro, que vezes terá ido nos braços teus depór, d'agrestes flôres candidas nascidas n'esse oiteiro, um ramo entretecido de rosas—fé e amor?!

Se a geladora dúvida meu coração infesta, e do imo a tempestade nas crenças reproduz, supremo impulso, intimo, das turbas me sequestra, e á tua soledade vou procurar a luz.

E n'este breve cômodo, que o astro de ouro lita, se no franjado oriente ostenta aureo fanal; ou se do trilho occiduo um só momento agita a flammula tremente que doira a custo o vall';

sinto um praser dulcissimo filtrar-se na minha alma, se os olhos meus descanço nos verdes aspiraes, n'este silencio morbido só perturbada a calma ao perpassar, de mauso, a brisa dos rosas...

Emquanto o sôpro eóleo, que ameiga brandamente a fronde—adorno liudo que veste o ulmo e o til— agita aureo thuribulo d'aroma rescendente, que para o ceo subindo nos lembra o Eterno Abril;

emquanto a turba impia consome os parques dias ea rude vida, atreita á sina do mortal, e perpassando, lubrica, na febre das orgias

assiste satisfeita á torpe bacchanal;

emquanto a lua argentea surgindo do oriente nos braços da folhagem difunde a luz seu; e nos froixeis flaccidos da relva verdescente estampa a tua imagem, recorta o teu perfil;

emquanto o infrene vicio vae caminhando ovante nas praças da cidade, que á perdicão conduz; eu, reclinado supplice, na alfombra verdejante da tua soledade, quero adorar-te, ó cruz!

Eil a! atalaia mystica velando d'entre o ulmeiro o mudo cinerario, onde vasqueja a luz.

—Livro sagrado, inclito aberto ao mundo inteiro, escripto no Calvario c'o sangue de Jesus.

(\*) Inspirações do Visella, edição do Porto, de 1871.

uns aos outros, como Elle os tinha amado. Preceito grandioso, que, bem realisado, basta por si a garantir o prestigio e elevada consideração do clero contra a guerra cruel que o espirito de impiedade lhe move a cada instante.

M. MARINHO.

(Semana Religiosa).

Coimbra 11 de dezembro.

(Do nosso correspondente).

Ha dois dias que a velha cidade de D. Afonso Henriques e de D. Sancho apresenta um aspecto militar, como ha muito se não viu aqui. Hontem de tarde deu entrada na cidade uma bateria composta de meia duzia de peças de Krupp, com os carros de munições, banda marcial, etc., etc.

Esta força veio pela estrada de Lisboa, d'onde partiu ha uns poucos de dias. Porisso vinha estropeada, segundo parecia, porque se arrastava pesadamente pelas ruas da cidade, sem garbo, nem bravura; pareciam prisioneiros de guerra. Foi alojado no pátio da Universidade, d'onde saiu hoje em direcção ao cemiterio municipal, para fazer as honras fúnebres dos restos mortaes do Aguiar. A' mesma hora (1 da tarde) entrou tambem uma força d'infanteria unida do Porto.

As exequias começaram hontem na Sé Cathedral pelas 3 horas da tarde, com a assistencia do sr. bispo-conde.

Estavam presentes o ministro da guerra, o da justiça, fazenda, e muitos grandes do reino, além de grande numero de convidados.

De Coimbra estavam todas as autoridades, a camara velha e nova, todo o partido regenerador, uma comissão representando o partido reformista, e todas as classes mais distinctas.

O templo estava lindamente ornado. No centro elevava-se uma eça sumptuosa e de colossaes proporções, ricamente ornada e illuminada com inumeros lumes. A vista, que hontem á noite apresentava o interior do magnifico templo da Sé, era realmente deslumbrante, e como nunca vimos aqui.

As *vesperas* e *matinas*, que se cantaram hontem terminaram pelas 6 horas da tarde.

Hoje cantaram-se *laudes* depois das 10 horas, seguindo-se a missa, oração fúnebre e absolvições. A musica do officio foi bem executada. Do sermão, pregado pelo sr. dr. Donato, lente de Theologia, pouco diremos, porque está o correio a partir e nós desejamos communicar-lhe hoje estas noticias.

Era geral a espectação do auditorio. Todos anseavam por ver como este illustre ornamento do pulpito portuguez se desempenharia da ardua tarefa do panegirico de J. A. d'Aguiar.

Era quasi meio dia quando terminaram as *laudes* e a missa. Logo em seguida subiu ao pulpito o sr. dr. Donato. No exordio mostrou a racionalidade do preito que se presta aos grandes homens, e especialmente ao inclito filho de Coimbra, J. A. d'Aguiar, não havendo nada de notavel n'este ponto do discurso. A confirmação foi apenas a apologia e historia biographica. Exaltou a sua memoria tanto quanto ponde, mostrando que fóra o homem mais rasgadamente reformado e liberal que existiu no periodo mais critico das nossas luctas civis. Aplaudiu todas as suas medidas, mesmo aquellas, que ainda hoje contam muitos adversarios, «mas que as tradições do passado, nem sempre racionais, podem desacreditar». O orador referia-se á extincção das ordens religiosas. Disse que a logica dos factos não tem entranchas, para operar certas mudanças, que affectam crenças, ideias arraigadas, e ferem interesses ha muito creados; e que se o grande estadista não desse este golpe a mesma logica d'esses factos o daria mais cedo ou mais tarde, mas que era inevitavel. Finalmente o seu discurso, eminentemente liberal, pouco teve de notavel. E' a nossa imparcialissima opinião.

Depois saiu o prestito para o cemiterio. Mas em vez de seguir o itinerario, que todos os sahimentos costumam seguir, andou em procissão por quasi todas as ruas da cidade, de modo que só muito tarde chegou ao Pio. Na frente ia a camara municipal, seguiam-se representantes dos municipios limítrofes, associações da cidade, cidadãos de Coimbra e de fóra em grande quantidade; depois o corpo acadé-

mico, universidade e liceu, sem faltar um só estudante. Seguiu-se o corpo docente da Universidade e liceu; depois a cruz do clero, seguida de sobido numero de ecclesiasticos; seguiam-se os dois ataudes dos dois Aguiares, a cojos lados iam os ministros e generaes, que aqui se achavam; depois as auctoridades e atraz a força de cavallaria, os coches fúnebres, e os carros dos particulares. No cemiterio já estava assediada a artilheria, e formada a força d'infanteria. A' beira do tumulo fallou o dr. Fernando de Mello presidente da camara, e o quartanista de Direito, Porto Carrero, muito bem, segundo nos dizem. Depois leu tambem um discurso o lente de Philosophia, visconde de Monte-São. No fim houve as descargas do estillo.

O partido regenerador deve estar satisfeito, porque promoveu uma manifestação (para nós não passou d'isto) como ha muito se não vê em Coimbra. Foi um acompanhamento esplendido. O concurso de gente era immenso, e mais era dia de trabalho. Em todos os rostos se patenteava a curiosidade e satisfação de ver tão extraordinario espectáculo. Falta-nos o tempo, e porisso continuaremos na seguinte.

## REVISTA ESTRANGEIRA

PROMENORES SOBRE AS OPERAÇÕES MILITARES DO EXERCITO CARLISTA EM RODA DE PAMPLONA.

Estella, dezembro.

O inimigo fez, na noite de 21 para 22, um rapido movimento de concentração, e, depois de quatorze horas d'uma penosa marcha, com um frio atroz, a columna Reina, forte de quinze a dezeseite mil homens, se estabeleceu sobre Pamplona.

O general Quesada, pela sua parte, operava um analogo movimento, e, partido de Tafalla pelas mesmas horas, com uma desena de mil homens, fez a sua junção com Reina, e apoiou as forças que este dirigia sobre a ala direita carlista da divisão de operações de Lumbier, occupou o monte Alzura e a aldeia de Urroz, e, pouco tempo depois, Kuarte e o monte S. Miguel.

As formidaveis posições occupadas pelas baterias carlistas, destinadas a bater Pamplona, achavam-se pois tomadas de flanco, e o caminho da fronteira franceza por Baztan ficava inteiramente livre ao inimigo.

Tal era, a 22 á tarde, o primeiro resultado d'esta ousada marcha, ameaçadora para nós e bem combinada para dar aos soldados liberaes, a quem a recente derrota de Lumbier quebrantara o animo uma esperança nova.

A actividade carlista, e tambem esta fortuna que não cessa de sorrir ha tres annos nas occasiões criticas, neutralisaram o successo apparente do exercito alfonsino.

Apenas percebem a evacuação das aldeias Boneno e Rypodás pelo general Reina que até então considerara a occupação como das mais importantes, que o general carlista La-umbe, comprehendeu que o inimigo devia dirigir as suas forças para o sul, destacou da sua divisão a brigada Montoya, composta dos batalhões 3.º, 4.º e 6.º de Navarra, 5.º de Alava e uma bateria de artilheria de montanha, e lhe deu ordem de avançar a marchas forçadas para a linha de Pamplona, sem se deter em parte alguma, nem mesmo para distribuir as rações aos soldados.

Mas a marcha d'estas forças por caminhos de montanhas geladas não podia effectuar-se tão rapidamente como a do inimigo, senhor da grande estrada de Lumbier e Pamplona; assim não chegaram senão a 23, ás dez da manhã, ás posições da segunda linha do bloqueio de Pamplona. Acharam as posições da primeira linha da nossa esquerda (heroicamente defendida a 22 por seiscentos homens da *partida* do celebre guerrilheiro Rosa Samariño) ao fim de 3 horas e meia de fogo, occupadas por duas brigadas liberaes, o que tornava insustentavel, como já tenho dicto, a posição do monte S. Cristobal guardada sómente por duas companhias do 8.º de Navarra.

Já o fogo tinha recommçado e o inimigo em enormes massas começava a subir pelo flanco, e sobre o seu declive de oeste, o S. Cristobal, e impellia outras massas sobre o caminho de Baztan, quando a brigada Montoya avançou e rompeu o fogo com um vigor jámais visto em homens que tinham marchado dezeseite horas pelos Pyreneus Navarros.

A' fusilaria succedeu rapidamente a bayoneta, e o inimigo abandonando o caminho de Baztan, retrocedeu, afim de proteger a ascensão das duas divisões, que subiam o S. Cristobal.

Sobre o *plateau*, a lucta foi gigantesca; duas companhias carlistas contra duas divisões!

Durou quatro horas.

Houve uma secção vinte-homens do 8.º de Navarra que carregou tres vezes á bayoneta e que, na terceira e última carga, fez ainda ao inimigo sete prisioneiros, conservando-os na retirada!

Pela uma hora da tarde, o general Perula chegado de Estella, com tres batalhões, um esquadrão e duas baterias d'artilleria, encaminhou a direita das forças carlistas para dois kilometros de Pamplona.

O inimigo surpreendido por se achar em face de tropas que julgava ter desconcertado com a sua marcha estrategica de 22, contido na sua frente por dois batalhões entrincheirados nos trabalhos da 2.ª linha e não querendo augmentar, sem duvida, as suas perdas já consideraveis, concentrou-se em S. Cristobal, sobre o *plateau* que liga esta montanha a Pamplona. Evacuu mesmo durante a noite o monte Alzura e a aldeia de Urroz, que immediatamente os batalhões 4.º de Navarra e 5.º de Alava occuparam.

Desde então resta n'uma completa immobilidade, contentando-se a ficar em face da 2.ª divisão carlista que lhe tolheu silenciosamente a passagem.

Nem um só tiro de fuzil ha dois dias rompe este silencio pouco lisonjeiro para os 30:000 homens que n'este momento reune Reina em roda de Pamplona.

O total de no-sas perdas é de 88 feridos e uma vintena de mortos. As nossas ambulancias estão em Olague e Irurzun. Dezenove feridos foram para Lesaca e vinte e dois para Hirache. Para todos os outros estabelecimentos em hospital por detraz de Olague.

Tendo o inimigo deixado em nossas mãos 2 feridos, eu os fiz conduzir hontem ao general Reina, que me mandou o unico ferido que tinha em seu poder.

São estas as unicas noticias, que temos sobre a guerra carlista e que transcrevemos do nosso presado collega a «Nação».

## GAZETILHA

**Academia religiosa.**—Realizou-se ante-hontem, no salão da Relação ecclesiastica, a academia religiosa com que a Associação Catholica d'esta cidade commemorou a festa da sua Padroeira, a Immaculada Conceição.

Foi um acto imponente, de que no proximo n.º daremos mais desenvolvida noticia.

**Fallecimento.**—Deu-se ha dias á sepultura o cadaver do sr. padre José d'Oliveira, que ultimamente era encomendado da freguesia de Cabreiros.

**Exequias.**—No dia 13 do corrente tem logar na capella do Collegio dos orfãos solemnes exequias para suffragar a alma do venerando arcebispo, D. Fr. Caetano Brandão, fundador d'aquelle pio estabelecimento.

Serão feitas com muita pompa, havendo tambem, como nos annos anteriores, oração fúnebre, e missa a grande instrumental. S. exc.ª red.ª o sr. arcebispo coadjutor tenciona assistir a este piedoso acto.

**A questão lazariada.**—O erudicto escriptor catholico, e nosso particular amigo, padre Senoa Freitas, está escrevendo uma refutação á carta que o sr. Ennes dirigiu ao presidente do Conservatorio dramático do Rio de Janeiro, sobre a prohibição da representação d'aquelle acervo de calumnias, que o sr. Ennes intitulou os *Lazaristas*.

Brevemente deve entrar no prelo o novo trabalho do sr. padre Senoa Freitas.

**Que frio!**—Castillo, astrónomo sarragozano, vaticina que a começar de 13 d'este mez fará na peninsula frio em tal grau de intensidade, que ficará memoriado.

Segundo informações que nos dá um nosso amigo da villa dos Arcos de Valdevez, já o thermometro tem alli descido a 6 graus abaixo de zero!

**Novas cadeiras d'instrução primaria.**—Por decreto de 9 do corrente foram creadas cadeiras de ensino primario nas seguintes localidades:

Para sexo masculino.—Logar e fregue-

zia de Marrazes, concelho de Leiria—com o subsidio de casa e mobilia pela junta de parochia.

Freguesia de Villa Chã, concelho de Pombal—com subsidio de casa e mobilia pela junta de parochia.

Freguesia de Padronello, concelho de Amarante—com o subsidio de casa, mobilia e utensilios pela junta de parochia.

Freguesia da Chapa, concelho de Amarante—com o subsidio de casa, mobilia e utensilios pelas juntas de parochia de Aboim, Chapa, Gatão e Villa Garcia.

Para o sexo feminino.—Logar e freguesia da Mariña Grande, concelho de Leiria—com o subsidio de casa e mobilia pela junta de parochias.

Freguesia de Gondar, concelho de Amarante—com o subsidio de casa, mobilia e utensilios pela junta de parochia.

Freguesia de Padronello, concelho de Amarante—com o subsidio de casa, e utensilios pela junta de parochia.

Freguesia de Travanca, concelho de Amarante—com o subsidio de casa, mobilia e utensilios pela junta de parochia.

Freguesia de Villa Garcia, concelho de Amarante—com o subsidio de casa, mobilia e utensilios pelas juntas de parochia de Aboim, Chapa, Gatão e Villa Garcia.

Nenhuma d'estas cadeiras será provida sem estar realisado o subsidio, nos termos da portaria de 7 de julho de 1871.

**Mappa.**—No dia 10 do corrente foi remetido para a Direcção do Caminho de Ferro do Minho um mappa com a descripção das ferramentas inutilizadas pelo incendio que teve logar na noite de 3 para 4 do corrente, na cocheira de caruagens da estação de Braga.

**Produção.**—O districto de Evora produziu este anno 16 678 milheiros de laranja e 8:021 milheiros de limão.

No anno passado a produção foi em muito menor quantidade.

Os preços porque o fructo se vendeu em geral foram bons.

**A Europa armada.**—A «Gazeta Militar Alemã» publica o seguinte curioso trabalho sobre o augmento que tem tido os exercitos europeus, durante os ultimos 15 annos:

Austria e Hungria—Em 1859 tinham 634:400 homens, e em 1863 856:980.

Russia europeia e Caucaso—Em 1859 tinha 1.134.200, e em 1874 1.401.510.

Russia asiatica—Em 1859 tinha 89.950 e em 1874 118.300.

Italia—Em 1859 tinha 317.650, e em 1874 656.200.

Allemanha—Em 1859 tinha 836.800, e em 1874 1.261.160.

Francia—Em 1859 tinha 640.500, e em 1874 977.600.

Belgica—Em 1859 tinha 80.250, e em 1874 93.590.

Hollanda—Em 1859 tinha 58.550, e em 1874 64.320.

Inglaterra—Em 1859 tinha 245.800, e em 1874 478.820.

Dinamarca—Em 1859 tinha 48.700, e em 1874 57.500.

Suecia—Em 1859 tinha 134.900, e em 1874 204.510.

**Morte de um portuguez illustre.**

—Transcrevemos da *Discussão* o seguinte:

Realisaram-se no dia 28 do corrente ao meio dia e meia hora, na igreja de Sant-Germain-des-Prés, em Paris, as exequias do sr. Cardoso Casado Gerales, professor da faculdade de medicina, cuja morte noticiamos.

Assistiram á cerimonia fúnebre o genro e os netos do fallecido e as celebrações medicas de Paris, o dr. Ricord, o barão Larrey, Cosco, Verneuil, Dolbeau, etc. Pegaram ás borlas do caixão, quatro delegados da faculdade de medicina.

O corpo foi sepultado no cemiterio do Pere Lachaise. A' beira do tumulo foram pronunciados quatro discursos, um pelo sr. Afonso Guerio, da academia de medicina, e os outros pelos tres delegados da sociedade de anatomia, da sociedade de geologia, e da companhia dos caminhos de ferro do Norte, d'onde o fallecido era cirurgião em chefe.

**Composição do barro humano.**—O dr. Lancaster está dando em Londres uma serie de conferencias celebres pela sua originalidade.

A sua ultima conferencia versou sobre a composição material do corpo humano, apresentando aos seus ouvintes estupefactos os resultados de uma analyse completa que tinha feito em um homem que pezava 72 kilogrammas.

O referido dr. mostrou que a decomposição dera o resultado seguinte:

—10 1/2 kilogrammas de carvão; 1 kilogramma de calcio; 670 grammas de phos-

phoro e 28 grammas de sódio, ferro, potássio, magnesia e silica, tudo isto como resultado material e physico das substancias do corpo.

O dr. Lancaster disse depois que não apresentava os 150 metros cubicos de oxigenio (55 kilos) nem os 3:000 metros cubicos de hydrogenio (7 kilogrammas) nem o metro e meio de azote que havia tirado do corpo, porque o impedia o grande volume d'estes gazes.

Todos estes elementos combinados representam, segundo o dr. Lancaster, no corpo humano: 55 kilogrammas de agua, 7 1/2 de gelatina, 6 de gordura, 4 de fibrina e de albumina, 3 1/2 de phosphato de cal e outros sais mineraes.

Os corpos gasosos predominam, pois, no corpo humano, havendo um contraste entre as qualidades de oxigenio e as pequenas proporções de elementos mineraes; e esses corpos gasosos, esse oxigenio devem voltar cedo ou tarde á massa atmospherica.

**Disposições testamentarias.**—As principaes disposições testamentarias do nosso chorado amigo e antigo collaborador, o conego José d'Aquino Velloso de Sequeira, ha pouco fallecido em Guimarães, são as seguintes:

Nomeia por seu testamenteiro o sr. Antonio Joaquim Peixoto da Costa, ao qual deixa a quantia de 45\$000 reis, e por seu herdeiro a seu 2.º primo o padre Bento José Barroso. Quer que no dia do seu enterro se digam missas geraes pela sua alma, e além d'estas determina que se digam mais 50 pela sua alma, 50 pela de seus paes, e 50 pela de seus irmãos, recommendando que as missas das irmandades de que era confrade, se reduzam de modo que, pela diminuição de seu numero e augmento d'esmola, se satisficam o mais breve possivel.

Quer que pelo dinheiro que tivesse á hora da sua morte, por alguns papeis de credito e pelos seus vencimentos no revm.º Cabbido da Collegiada, o seu testamenteiro compre e averbe, logo que para isso esteja habilitado, tres inscrições de reis 100\$000 para a Fabrica da Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, e uma outra para o fundo da Mesa Capitular da mesma; e que além d'isso se satisficam mais os seguintes legados:

A Santa Casa da Misericordia reis 27\$000.

A sua creada Anna Victorina de Jesus, se estiver ao seu serviço na hora da sua morte, 100\$000 reis, devendo além d'isso o seu herdeiro dar-lhe o leito em que ella dorme, com os respectivos colchões, e roupas em duplicado, e bem assim o tear e petrechos.

A's Religio-as Capuchinhas 9\$000 reis e igual quantia ás Recolhidas Trinas, e ás Recolhidas do Anjo.

A seu primó José Maria de Andrade 45\$000 reis, a titulo d'esmola.

A seu 2.º primo Jose Leite d'Andrade 22\$500 reis, idem, e igual quantia a cada uma das irmãs d'este, Rosa e Quitéria.

A seu 2.º primo Antonio Rodrigues de Sousa 45\$000 reis, idem, e igual quantia á irmã d'este, Maria da Providencia.

A Thereza de Jesus, a Luiza Raimundo, a Bernardina, a Anna Lapada, que foram suas creadas, e a Manuel Alfaiate, 9\$000 reis, a cada um, devendo o herdeiro dar a este alguma roupa.

A sua 2.ª prima Thereza Barroso reis 22\$500.

Se, depois de satisfeitos estes legados, houver algum remanescente, quer que o seu testamenteiro o devida em tres partes, uma para a Propagação da Fé, outra para o Asilo de Santa Estefania, e outra para o Collegio da Regeneração em Braga. Se porém não chegar, o testamenteiro satisficará por inteiro as inscrições á Fabrica da Collegiada e ao Cabbido, e fará rateio proporcional nos outros legados, sem que a algum dos legatarios fique direito de lhe mover porisso questão, sob pena de lhe retirar desde logo o legado.

Deixa por ultimo á Associação Clerical Vimaranesa as seguintes obras da sua livraria: Historia Universal da Igreja, pelo barão d'Henric, as obras completas do padre Bresciani, o Ceremonial, romance do padre Falise, e as declarações authenticas, pelo mesmo.

**Processo celebre.**—Terminou finalmente o celebre processo instaurado em Roma contra os accusados no assassinato de Rafael Sonzogno, redactor do «Capitale».

Cinco dos accusados foram condemna-

dos a trabalhos forçados por toda a vida.

O principal accusado, Luciani, tem uma vida romanesca e aventureira. Tinha sido educado gratuitamente, por protecção do governo pontifical; alistou-se no partido liberal e emigrou de Roma. Abandonou-se aos 15 annos com as tropas garibaldinas, e, regressando a Roma em 1870, tornou-se um dos chefes do partido radical e orador bemquisto nas reuniões populares. Contava então 25 annos. Fez-se jornalista, e redigiu o «Capitale» com Sonzogno, a cuja influencia deveu a sua eleição de deputado. Travando, porém, relações amorosas com a mulher do seu protector Sonzogno a protecção d'este abandonou-o e Luciani foi derrotado na immediata campanha eleitoral. Luciani protestou vingarse, e foi o mandante do assassinato de Sonzogno.

O segundo accusado, Armati, havia sido o *fec-totum* de Luciani, e tinha falsificado em tempo centenas de listas electoraes, para levar Luciani ao parlamento. Depois de se ver denunciado como cúmplice no assassinato de Sonzogno, tornou-se inimigo implacavel de Luciani. No decurso da audiencia, Armati parecia fundamental com a vista; e esta attitude influiu de certo na condemnação.

Os outros tres são sicarios de especie particular. Declararam sempre que, ao assassinar Sonzogno, tinham em vista servir a patria e ser agradaveis a Garibaldi. Chamam-se Frezza, Morelli, Farina.

Instados por Luciani, comprometteram praticar o crime, Armati, Farina e Morelli; falta-lhes depois a coragem, e encarregam do crime um scelerado ignorante, Pio Frezza, que não sabia ler nem escrever, e que nem sequer conhecia Sonzogno, accita a commissão, é guiado pelos tres a casa do jornalista, e ás 8 da manhã, hora em que Sonzogno costuma trabalhar no seu escriptorio, Frezza aproxima-se d'elle e descarrega-lhe dezete pontaladas. Aos gritos da victima, acodem os typografos do «Capitale», e Pio Frezza é preso.

Luciani tinha partido para Turin dez dias antes do assassinato.

Luciani é um moço de 30 annos, esbelta artistica, olhar intelligente, faces levemente pallidas, bigode farto, e rosto redondo; ao seu aspecto agradável reunia apreciadas qualidades de espirito; era um poeta soffivel, bom romancista, jornalista de creditos, bom conversador, um verdadeiro Don Juan.

Emigrado em Turin, viveu ali da caridade dos seus compaheiros de exilio, que lhe apreciavam o talento e lhe forneciam os meios de se instruir. Quando conheceu que valia alguma coisa desprezou os conselhos e os auxilios dos seus amigos politicos, e foi para Florença, onde, segundo a expressão d'elle, começou a viver.

A sua ambição subiu de ponto; e, quando em 1870 entrou em Roma com os outros emigrados a sua auréola de martyr da liberdade deslumbrava-o e pôz a mira nas mais elevadas posições sociaes, adquirindo a sympathia de Sonzogno, que o fez seu collaborador e seu commensal. A mão que se lhe estendia foi venenosamente mordida, e o assassinato do seu protector cortou, por uma vez, as largas ambições de Giuseppe Luciani.

A «Gazzetta d'Italia», de 16 de novembro, dando já conta do julgamento de Luciani, diz que elle, ao sair do carcere para a audiencia, tinha tanta esperança em ficar absolvido, que pediu ao carcereiro que lhe levasse os livros que tinha na prisão; e afirma-se até que o seu amigo o deputado Bottero tinha um banquete preparado, na supposição de que Luciani ficaria absolvido.

O processo consumiu vinte e duas audiencias, e ficará incluído em o numero dos *processos celebres*.

Sentimos não poder dar uma noticia exacta d'este processo, onde se denunciam roubos, falsificações, e torpezas ás mais subjectas de deputados, senadores, e ministros liberaes da Italia *uma e livre*; tão bons snrs. que o capitão de ladões de Gil Blas não quereria nada com elles. Que lhes faça bom proveito.—[*Dem Publico*].

**Ainda mestre Roque, o parvo-** nez —Pergunta-nos um cavalheiro, nosso obsequioso assignante, se mestre Roque val um prato de lentilhas. Respondemos ingenuamente: parece-nos que não, senhor; aquillo é um parvoalho singular, que só serve para bobo, e que bobo!? Dil-o ha a sua biografia, que um nosso

amigo se deu ao ingrato labor de mandar apregoar pelas cem tubas da imprensa.

**Appelo á caridade.**—Imploramos á caridade das almas piedosas e bemfezas uma esmola para o entrezado Antonio dos Granginhos, que vive na maior miseria, em companhia de sua mulher, doente, e aleijada com uma ruptura. Reside na rua do Alcaide, n.º 17, n'um quarto á porta da rua.

**Uma esmola pelo amor de Deus.**—Lembramos ás almas caritativas o infeliz José Avelino Ferreira dos Santos, morador na rua da Ponte, n.º 5, o qual se acha impossibilitado de trabalhar e vive na maior penuria.

## SECÇÃO DE COMMUNICADOS

### O futuro matadouro.

A Camara Municipal d'esta cidade, trata de fazer aquisição de terreno para edificar um matadouro publico. Parecia-nos que sendo esta obra de grande dispendio, tendo immediata relação com a saúde publica e aformoseamento d'esta muito nobre e augusta cidade, presidiria á escolha do local a calma, a reflexão, o tino e o interesse pela causa d'este bom povo, tam carregado de contribuições e de tam boa fé que ainda ha bem pouco tempo corria pressuroso ás urnas a dar o seu voto áquelles que se inculcavam os salvadores da sua causa.

A julgar porém pelo primeiro acto que alguns dos novos eleitos tentam realizar, influenciando para esse fim alguns dos vereadores, que tem de sahir em janeiro proximo, parece-nos que os inculcados salvadores da causa d'este nobre povo são feitos do mesmo, se não peor, barro que o de alguns maus individuos que se tem sentado nas cadeiras da vereação. Aqui vai uma prova do que dizemos:

Existe no bairro da ponte de S. João um terreno junto á ponte e estrada, o qual foi campo n'outro tempo, com umas leiras junto aos banhos ferreos, que n'outro tempo foram leiras, mas que hoje, pelo estado de abandono a que seu proprietario deixou-as chegar, servem de pasto aos cevados e de campo de divertimento ao rapasio.

Esse terreno no estado de desmoronamento a que chegou valerá hoje quando muito uns seis centos mil reis. O seu proprietario tanto solicitou e tantos empenhos mettu á Camara actual que esta para se ver livre de suas importunações consentiu em que fosse examinado e avaliado o terreno, reconhecendo ella em seguida que o lugar era improprio para matadouro e o preço da avaliação, um conto e sete centos mil reis, exorbitante!!! por isso resolveu não satisfazer a pretensão do proprietario de tal terreno.

Acontece porém que na nova Camara entrou um parente e protector d'aquelle proprietario, e o seu primeiro cuidado, ainda não empossado do lugar para que foi eleito, ajudado por alguns dos collegas, foi empenhar-se com alguns amigos da Camara actual para que seja comprado aquelle terreno antes que ella entregue o mandato aos novos eleitos, desviando por esta forma de si e dos seus collegas a merecida censura por comprarem por 1:700\$000 reis o que não vale mais de 600\$000, e ainda em cima improprio para o fim que é destinado: chama-se a isto tirar a sardinha da braza com a mão do gato. Parece-nos que a maioria da Camara actual tem a precisa sabedoria para não se deixar carregar com a fealdade do acto, e tambem dignidade bastante para não se prestar a ser mera intermediaria de interesses indecentes.

Se o local escolhido fosse proprio para matadouro, nada diriamos sobre o excessivo preço do terreno; porém não podemos aceitar que se escolha para matadouro publico o local junto da ponte de S. João, o arrebalde mais bello d'esta cidade, onde na estação calmosa concorrem centenas de familias a distrahir-se das canceiras e fadigas da vida.

Senhores vereadores actuaes, e vós outros que tendes de tomar conta de vossas cadeiras em janeiro proximo, onde ireis vós buscar no tempo de verão agua que chegue para o matadouro se o edificardes ali?

Se é a agua da fonte da Rigueira, com que contaes, laboraes n'um erro porque está secca quando se vos torna indispensavel, que é no verão. Dando-se porém o caso de que vós, á custa de sommas enormes e de grandes sacrificios, metaes agua do riachão Dêste no matadouro tende em vista que essas aguas, depois de servidas conduziudo

os fragmentos de materias animaes voltarão para o mesmo rio e depois de passarem pela fermentação e decomposição chimica que lhes é natural exhalarão effluvios deleterios e serão um fóco de perenal envenenamento não só para aquelle bairro como para esta cidade quando taes effluvios forem para aqui trazidos pelos ventos do lado do sul, que sopram em todas as estações do anno.

Senhores vereadores, se em vós não calar a circumstancia do dever que tendes de poupar o dinheiro d'este afflicto povo, compadecei-vos ao menos da saúde d'elle: escolhei dos Pellames para baixo um local apropriado, que não vos falta aonde. D'alli para baixo as aguas decompostas e apodrecidas, em vez de estragarem a saúde d'aquelles que tam generosamente vos collocaram n'essas cadeiras, irão fertilizar e adubar os campos por onde passarem. Lembrai-vos que fazendo junto á ponte de S. João o matadouro publico ides estragar em lugar não apropriado uma somma enorme, como é o custo de um matadouro modelo.

Se tendes vontade de fazer bem a este municipio á custa de seus habitantes comprai esse terreno, mas em vez de matadouro fazei alli um jardim e uma rua que partindo da ponte vá marginando o rio até a Soutinha e d'ahi a S. Victor, ligando assim os dois bellos bairros.

Esta era a opinião de antigos vereadores, filhos e amigos d'esta augusta cidade e tambem é d'alguns obscuros.

Vossos Conterraneos.

**SAÚDE A TODOS** sem medicina, purgantes nem despezas com o uso da deliciosa farinha de saúde,

**DU BARRY** de Londres.

37 annos d'invariavel successo

3 Depois das adesiões de muitos medicos e de varios hospitaes, ninguém poderá duvidar da efficacia d'esta deliciosa farinha de saúde que cura as indigestões (despepziás) gastrica, gastralgia, fl-gma, arrotos, ventos, flatos, amargór na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, diarrrea, dizenteria, colicas, tosse, athma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabethe, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue. 75.000 curas entre as quaes contam-se a de S. S. o Papa, do duque de Pluskow, da ex ma sr.ª marquezã de Brehan, do doutor Manoel Saenz de Tejada, da Universidade de Cordova, etc. etc.

Cura 72.448.

Cadiz 3 de junho de 1868

Não posso fazer menos de manifestar a vv. s.ªs os bellos resultados que obtive, administrando o seu *chocolate de Revalesciere* á minha senhora. Havia muitos annos que padecia intensissimas dores intestinaes, e insomnias pertinazes; graças a este surpreendente especifico ficou completamente restabelecida. Ficando reconhecidos, aproveito esta occasião para demonstrar a consideração com a qual o distingue o seu attento venerador — VICENTE MOYANO.

Cura 69.718.

Ticheville (Orne) 20 de março de 1867.

Achando-me perfeitamente com o uso que fiz durante certo lapso de tempo da *Revalesciere*, tenho-a administrado a varias pessoas, ás quaes produziu inestimaveis effeitos, em particular modo n'aquelles que padeciam de hydropesia. Tres d'estes curaram completamente.—A tosse produzida por uma constipação desapareceu instantaneamente e tambem produziu os mesmos resultados nas molestias da retenção de urina e das molestias de estomago, afastando de qualquer individuo a hypocondria.

PADRE LANGEVIN.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.—Preços fixos da venda por miudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kilo, 500; de 1/2 kilo 800 rs; de um kilo, 1\$400 reis; de 2 1/2 kilos, 3\$200 reis; de 6 kilos, 6\$400 reis, e de 12 kilos, 12\$000 reis.

Os biscoitos da *Revalesciere* que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1\$400 reis.

O melhor chocolate para a saúde é a

